



Caim: a psicologia de deus na obra de José Saramago

Guilherme Suman*

Resumo: O presente trabalho busca a representação da personagem divina em *Caim*, de José Saramago, a partir do plano psicológico e suas adequações em quadros patológicos. *Deus*, nesta releitura do *Antigo Testamento*, é refeito através de considerações que justificam a concepção da psique afetada e seu comportamento desviante, como a psicopatia, por exemplo, cuja interpretação permite a aplicabilidade de tais conceitos. Revela-se uma descaracterização do divino como uma presença menos mitológica e, portanto, mais planificada ao nível humano por possuir consciência psicanalítica. Ainda, por substanciar este coprotagonista, propositadamente, através de faculdades mentais passíveis ao entendimento: distanciado da fonte benevolente legada pela fé cristã. Saramago apresenta o criador no mesmo patamar decadente em que mostra a derrocada a sua criatura. Deus é cúmplice confesso e intelectual do crime bíblico de *Caim*.

Palavras-chave: Caim, Deus, Psicopatia, Saramago.

Abstract: This paper seeks for a representation of the divine character in *Caim*, novel by José Saramago, from psychological plan and its adjustments in pathological conditions. In this reinterpretation of the *Old Testament*, *God* is redone through considerations that justify the affected psyche conception and his deviant behavior, such as psychopathy, whose character interpretation allows the applicability of such concepts. It reveals a poignant deface of divine as a less mythological presence and, therefore, more planned at human level for having psychoanalytic consciousness. Yet, by purposely substantiate this co star, through passive faculties to the understanding: distant from the benevolent source bequeathed by Christian faith. Saramago presents the creator at the same decadent level where overthrow his creature. God is a confessed and intellectual accomplice of *Caim's* biblical crime.

Keywords: Caim, God, psychopathy, Saramago.

À Bíblia eu chamaria antes um manual de maus costumes. Não conheço nenhum outro livro em que se mate tanto, em que a crueldade seja norma de comportamento e ato quase natural.

José Saramago em 2009

Há em *Caim*, de Saramago, os traços pertinentes quanto ao estilo singular do autor: a ironia, a linguagem identitária para com o modernismo literário português (do qual Saramago é exponencial no âmbito da cultura neorrealista). José Saramago em *Caim*, seu último romance publicado em vida, repudia o Deus do *Velho Testamento* da tradição hebraica. *Caim* é, portanto, a denúncia de uma entidade divina que não passa de um gerador de exclusão, praticante de intolerâncias fatais, perseguidor de seus fiéis e temerosos seguidores,

* Professor de Literatura no Grupo Unificado Pré-Vestibular e no CEUE Pré-Vestibular da UFRGS. Graduando em Letras na UFRGS.

subterfúgio para morticínios históricos, para a execução de guerras santas em seu nome pela mão de homens exasperados (que encontram neste Deus maligno o seu conforto, a sua plenitude existencial e resposta para inquietudes em que a razão naufraga). Porém, há uma equidade entre criador e criatura, neste caso, pois ambos estão como promotores do mal, perversa relação para com seus semelhantes.

Ainda, o autor, após a reverberante e discutida trama em seu outro livro que, também, aborda o cristianismo e desvela, com prosa corrosiva e imponente, o desnudamento dos mitos religiosos ocidentais da crença católica, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, retorna aos pretextos sensíveis da religião. Assim, vale-se do fato genesíaco do livro sagrado, o conflito parental ocasionado pela supervalorização de Deus por Abel e seus sacrifícios em *seu* nome, em homenagem ritualista; portanto um pastor abençoado e destoante, a desconsideração humilhante para com as ofertas de mesmo cunho de Caim. Saramago introduz a ficção – sob a áspera ironia – para talhar a sua ideologia através de tal crise fraterna e de fé; a disputa pela primazia, pelo amor do *Senhor* e o seu desprezo para com seus “filhos”, sua predileção desmedida, contrária à fonte igualitária de amor e benevolência bíblica com que se apresenta esta divindade – gerando este desequilíbrio fraterno e o primeiro crime hediondo entre os homens, sob a influência mitológica cristã.

O autor, reconhecido universalmente por ser o único, até então, escritor de língua portuguesa a ser concedido um prêmio Nobel de Literatura, alia sua visão de mundo em seu universo fantástico, utilizando sua argumentação ateuista para desconstruir as bases que sustentam a confiança na fé cristã. Seu pensamento circunda o arquétipo de um Deus tão falho quanto os homens. Há uma exposição explícita da dimensão que o autor confere àquela divindade que não faz jus ao que tradicionalmente representa:

É como se uma espécie de temor reverencial ou a resignação ao “politicamente correcto e estabelecido” impedissem o analista de perceber algo que está presente nas malhas da rede e as converte num *entramado* labiríntico de que não tem havido maneira de sairmos, isto é, Deus. (SARAMAGO, 2008)

A composição de Saramago revela em *Caim* alegoria que reinventa os textos sagrados, onde perpassa, através do próprio filho primogênito de Adão, diversos eventos míticos da Bíblia, um Deus facínora, na concepção radical do escritor português. No entanto, seu posicionamento que fundamenta certa posição gnóstica no âmago filosófico do livro, onde a fantasia, as pungentes interferências de Saramago ao recriar o universo bíblico, se descortina como sendo, em suma, o homem no equilíbrio do bem e do mal, além de qualquer manipulação divina. Com isso, a percepção interpretativa, aqui proposta, é referente à singular personificação da figura divinal, ou seja, a confecção psicológica e humanista, relevantemente

profunda e atenuante na apresentação deste *Deus* sórdido, perverso e irônico. Pois, ao averiguar sua interação em detrimento com o *Deus* originário do texto cristão, percebendo suas ações e diálogos, há evidências que o adequa ao Deus plenamente *saramaguiano* através de um quadro clínico de patologia comportamental: a psicopatia.

Confere-se a este Deus, no percurso com que se desenvolve a saga de Caim pela história ancestral cristã, na sina vaticinada de tornar-se um errante eternal, diversos sintomas que levam a considerar a sua conduta afetada, como – certificadamente – desviante e passível ao possível diagnóstico de um quadro mental psicopata. Existe, todavia, uma aclamação de Caim que (por via da revolta que lhe acomete, devido à afetividade desarmônica com que o divino recebia de forma desigual, enfim, as ofertas dos irmãos) irrompe no romance para, então, desvendar as virtudes desordenadas de um Deus mesquinho, provocador de mazelas aos homens, os mesmos que lhe idolatram e lhe eternizam nos escritos e na crença como inquestionável fonte de benefícios espirituais e benquerenças para os males que afetam os mortais. Existem referências sacramentadas na escrita sagrada que conjeturam esta imagem irrevogável de um Deus pleno e virtuoso, tendo uma reflexão dissonante para com o Deus de Saramago, aquele cuja psicologia é, definitivamente, incomum, beirando aos sintomáticos psicopatas.

Os sinais mais precisos em que se enquadram esta personagem na suposta patologia comportamental, referencialmente, são estabelecidos por atitudes que competem ao entendimento psicótico, levando-o, até mesmo, ao extremo de condicionar o crime, as fatalidades inescrupulosas com que Saramago se auxilia para exemplificar nesta denúncia de *Caim*. Este Deus corrompido do romance efetua – em contraste com as racionais intenções e aceitáveis castigos – diversas penalidades para com as personagens e eventos mais contraditórios da Bíblia hebraica, como por exemplo: a torre de Babel, o dilúvio, a tentativa de sacrifício do filho de Abraão, entre outros. Com isso, percebemos a versão sádica e indevida de Deus que nestas ocasiões, opera com maldade e implacabilidade, tornando mais palpável a proposta de compatibilidade, a partir da posição inexorável e imoral, fustigando um caráter psíquico irregular.

Alguns casos são clinicamente diagnosticados sob os fundamentos psicanalíticos e, a seguir, expõem-se alguns fatores em que o Deus de Saramago apresenta, em sua máxima relação e correspondência com as propriedades ficcionais e bíblicas, concedendo à personagem divinal, então, múltiplos argumentos factíveis para a aplicação dos conceitos psicóticos conferidos por estudos fundamentais e elaborações teóricas, como por exemplo: impulsividade ou fracasso em fazer planos para o futuro: age imprevisivelmente ao não

aceitar que sua “obra”, o homem, estivesse corruptível e acessível ao pecado; Então, pratica atos de limpeza antropossocial, como ocorre nos casos do dilúvio, Sodoma e Gomorra e no singular caso de chacina a mando de Moisés (em nome do Senhor), devido ao culto ao bezerro de ouro, ou seja, a desconstrução de Deus perante seu povo desacreditado.

Tendência para enganar, indicada por mentir repetidamente, usar nomes falsos ou ludibriar os outros para obter vantagens pessoais ou prazer: este sintoma diagnostica as diversas tentativas de validar alguns avatares para melhor observar a conduta de sua criatura, o homem, personificando-se em distintas formas para testar seus *filhos*.

Outro caso pertinente é a maneira com que age na situação de Jó e Abraão, enganando-os, dissuadindo-os para comprovar sua fé integral e inesgotável, levando-os ao extremo como o quase sacrifício de um filho ou, decadentemente, a prova surreal pela qual o primeiro foi exposto (chegando a fulminar sua família para corroborar sua tese de um crente digno). Os feitos drásticos da prova de Jó foram em gozo de sua sádica aposta com a figura singular do Diabo:

Deus nunca poderia ser mau ou não seria deus, para mau temos o diabo, O que não pode ser bom é um deus que dá ordem a um pai para que mate e queime na fogueira o seu próprio filho só para provar a sua fé, isso nem o mais maligno dos demónios o mandaria fazer...(SARAMAGO, p. 136, 2009)

Ainda, compondo o mosaico informacional que colabora para o quadro sintomático conferindo ao Deus aqui analisado, diferentes propensões ao resultado de uma ascendência patológica. Alguns sinais que indicam a preponderância de um proceder arraigado em possível psicopatia residem nos atos desta personagem, como, por exemplo, o preenchimento dos requisitos psicanalíticos a seguir:

- Ausência de culpa: não apresenta arrependimento, nem remorsos. A culpabilidade é sobrecarregada no alheio, inadmitte seus erros. Não se condiciona a julgamentos, pois acredita que o que faz tem um propósito benéfico, embora possua a noção de que os seus atos são antissociais.

Neste ponto, percebe-se a representação da entidade divina da trama, uma vez que, ao percurso do livro – nos embates entre o factual bíblico e o inventivo –, o texto desenha um Deus cruel, desenvolvendo suas más condutas em relação aos homens, mas sob a culpa do próprio homem, o corrupto que desmerece a vida (desfaz a existência de povos para estabelecer nova e significativa povoação desprovida do pecado). Porém, por este processo, até mesmo os inocentes são acometidos e, por isso, afiança sua punição como propósito louvável e benéfico, mesmo consciente das consequências.

- Manipulação e egoísmo: não reconhece o bem comum. O psicopata é um indivíduo extremamente manipulador, vale-se de seus atributos para atingir os seus objetivos, jamais se importando com emoções alheias. Utiliza o semelhante sob a condição “coisificada”, sendo apenas peças de seu jogo mental. Manifesta facilidade em convencer e converter vulneráveis. Controla relacionamentos, recorrendo até mesmo a possíveis intrigas.

A personagem, diversas vezes, revela sua sujeição ao egoísmo excessivo, como quando, ao comprazer de suas vontades, impõe extermínios fundados em razões próprias, apenas. Controla sua relação com Caim, impondo-lhe o castigo, mesmo que partidário do assassinato promove intrigas com o Diabo, como no caso de Jó e a disputa pela fé inquebrantável deste infeliz seguidor.

- Inteligência: Há casos de psicopatas que apresentam alto grau de racionalidade. São, portanto, dotados de extrema qualificação, como o disfarce, por exemplo.

É a irreverência com que Deus/personagem elabora seus planos de provas de fé e seus propósitos, como o pacto estabelecido com Caim para justificar sua participação no crime e seu envolvimento intelectual, que este sintoma é planejado na concepção de sua psicopatia.

- Ausência de afeto: não apresenta afetividade para com semelhantes. Na posição paterna enquanto pais, não configuram o gênero terno e, normalmente, são cruéis para com os filhos. Por vezes, usam os próprios filhos como peças para seus interesses, desrespeitando o livre-arbítrio destes, baseando-se em métodos educacionais impróprios e não convencionais, como: humilhação e negligência.

Aqui, atende ao indício psicológico desviante, ao ser aclamado o pai eterno, o pai de todos os homens, paternal divindade da religião cristã, o Senhor. No entanto, converte sua paternidade sob estes pormenores, quanto à ausência de afeto, a negligência para com seus filhos e, majoritariamente, o uso de sua criação para os seus desígnios, sendo irrelevante a intenção autônoma destes que lhe conferem a paternidade espiritual e existencial.

- Impulsivo: por via do déficit no campo do superego, não consegue, conter os impulsos, havendo a possibilidade de, até mesmo, cometer qualquer espécie de crime, friamente e sem noção de sua própria culpa.

A impulsividade da personagem divinal é evidente, trincando a postura impenetrável da supremacia celestial em sua magnânima razão, fissuras estas que são apresentadas quando Deus se condiciona ao fator humano de agir sob a manifestação de passionalidade. Age, então, com a incontida inexpressão de afetividade, com frieza líquida suas intenções de morte: a vida que ele próprio concebeu está sob a encarnação de uma espécie de marionete, ao deleite de seus planos. Isto, portanto, configura – em suma – em um painel verossímil quanto a

diagnose relativa à psicopatia. São sintomas essenciais para a suposta asseveração quanto ao estado mental de quem possui tais características expressas no comportamento, havendo neste Deus, por fim, um mosaico destes traços psicóticos.

Sobretudo, compactuando os sinais patológicos com a apresentação da personagem, molda-se, assim, a verificável e comprometida estética de um ser perturbado, pois induz ao leitor, neste caso, a repensar Deus e propõe-se em desabilitar muitas de suas graças e concessões benevolentes, quando, por Saramago, é a representação do egoísmo máximo, da crueldade e de abalada estrutura psíquica ao ser deveras maquiavélico. É um Deus, de todo modo, não confiável para o recebimento da entrega plena, de credibilidade e justa crença. Embora ainda haja na Bíblia a assimilação de tais atos impróprios, como as limpezas sociais do dilúvio, por exemplo (justificada de maneira simplista, convencional e persuasiva), levando o crente a ser estabelecido pela leitura deste texto sacro, ao inquestionável envolvimento para com um Senhor superior em sua virtuose.

Confere-se, nesta passagem de Caim, o questionamento pertinente que corrobora com a visão de um Deus masoquista e arrogante, fazendo de seu universo, todavia, uma das fontes para comprazer sua patologia transfigurada e que lhe afeta no dado momento de agir. Posto assim, o caso revisitado de Abraão e Isaac, é conferível como exemplo maior do sadismo – caracterizado por Sigmund Freud no campo da sexualidade e suas contextualizações atípicas, apresentado em sua obra “Três ensaios sobre a teoria de sexualidade”.

Estas são, contudo, comprometedoras da normalidade do comportamento – mas, mesmo que haja diferenciação psíquica entre sádicos e psicóticos, como referência às análises pós-freudianas, releva-se o sadismo e a perversão além do condicionante corpóreo e explícito ao sexo. Assim, traduz-se ao alimento do narcisismo típico da disfunção cerebral: o transtorno da personalidade antissocial.

Ainda, este transtorno não se refere ao popularizado conceito de indivíduos sujeitos ao ato excludente da sociabilização, mas ao que implica transgredir e perverter as morais sociais. Com isso, reforça-se a fundamentação, através destas propriedades mentais, a figura de um Deus portador de psique, sendo referencial ao caráter humanizado em sua apresentação no romance, que desvirtua da conduta normalizada. O aspecto fundamental é a exposição brutal desta entidade máxima do cristianismo, reforçando a tendência de que Deus é, de fato, mais ou tão assassino que o próprio Caim:

Que fizeste com o teu irmão, perguntou, e caim respondeu com outra pergunta, Era eu o guarda-costas de meu irmão, Mataste-o, Assim é, mas o primeiro culpado és tu, eu daria a vida pela vida dele se tu não tivesses destruído a minha, Quis pôr-te à prova, E tu quem és para pões à prova o que tu mesmo criaste, Sou o dono soberano de todas as coisas, E de todos os

seres (...) Como tu foste livre para deixar que eu matasse a Abel quando estava na tua mão evitá-lo, bastaria que por um momento abandonasses a soberba da infalibilidade que partilhas com todos os outros deuses, bastaria que por um momento fosses realmente misericordioso, que aceitasses a minha oferenda com humildade, só porque não deverias atrever-te a recusá-la, os deuses, e tu como todos os outros, têm deveres para com aqueles a quem dizem ter criado...”(SARAMAGO, p.34. 2009).

Há de se pensar no romance um Deus complexo e humanizado, passível a erros e empatias, como o fato da predileção por Abel, geradora da sensação excludente de seu irmão mais velho e, por fim, subsidiando a maneira com que Caim sentiu-se, sem o amor divino que deveria oferecer democracia afetiva e, neste caso ofertou recursos para o desvelar de uma intriga resultante de sangue.

Abel, no entanto, não escapa da corrosiva ironia do autor e, diferentemente do bíblico, é apresentado como detentor de um gênio egocêntrico, desdenhando e humilhando seu fraterno. A confiabilidade de Deus, por consequência, é sepultada por Saramago, pois, inventivamente, cria no episódio tradicional do suposto sacrifício de Isaac, a prova de fé imposta a Abraão:

Que queres tu, Isaac, Levamos aqui o fogo e a lenha, mas onde está a vítima para o sacrifício, e o pai respondeu, O senhor há-de prover, o senhor há-de encontrar a vítima para o sacrifício. E continuaram a subir a encosta. Ora, enquanto sobem e não sobem, convém saber como isto começou para comprovar uma vez mais que o senhor não é pessoa em quem se possa confiar. (SARAMAGO, p.78, 2009)

Acerca do propulsor de sua atitude pactuária para com o crime de Caim e, maximamente, suas acionárias e deliberadas atitudes que liquidam inocentes, promovedor da desgraça alheia, podendo ser quem evitaria catástrofes humanas que permeiam o *Velho Testamento*, como, por exemplo, os incestos, as chacinas, as traições, os sacrifícios em nome da fé.

Há, assim, possivelmente, uma reação que influi nos seus desígnios, no que se refere à exposta patologia da psicopatia, pois, percebendo a estética criminal com que o autor pinta este Deus, pensa-se em equivaler esta afetação das faculdades mentais, extremando e instigando-o ao condicionante censurável pela moral cristã e ética.

Fato é que, psicanaliticamente, os estudos apontam tais atitudes como próprias de gerar indivíduos portadores da psicopatia elevada, recorrente nos diagnósticos de criminosos perversos e sórdidos. Personalidade que age como formação impulsionadora da prática do crime. No caso da Psicopatia, a presença de uma sensação de grandiosidade e de elevada impulsividade pode subsidiar a execução de atos criminosos. (JOHNSTONE & COOKE, 2006; HART & HARE; 1997; PRINS, 1980).

A psicopatia, aparentemente, relaciona-se com tipos relevantes de funções cerebrais anormais. Portanto, na ausência do fator genético e traumático como motivador da disfunção psicopatológica, a atribuição provável que a justifica a aquisição de tais indicadores da psicopatia, estaria atrelada, sugestivamente, a uma incomum irregularidade no lobo frontal e no sistema límbico – o campo cerebral destinado ao gerenciamento das emoções. Isto, simulando em Deus, por assim relacionar, um modulador de sua psicologia natural, uma razão para o descortinar de tais emoções desreguladas sob a análise psicanalítica.

Os portadores destas referências psicóticas são, majoritariamente, egocêntricos, desonestos e não possuem dignidade, e nem mesmo é possível confiar em sua moral. São, sobretudo, insensíveis ao relacionarem-se, desenfream suas ações na impulsividade exagerada e ainda atribuem a culpa de suas falhas a outros indivíduos. Assim, percebe-se – como já moldado nos exemplos referidos no quadro sintomático – que a personagem, aqui composta, desempenha de maneira orgânica, visceral, humana as atribuições desviantes de um legítimo psicopata.

Salmos específicos (a própria representação semântica de *salmo* substancia a intenção sacra de publicar elogios, enaltecimentos) reforçam a identidade benevolente deste Deus merecedor da entrega de fiéis que o elegem como primeiro motor motivacional para a própria existência, seguindo a idéia concebida no primórdio bíblico, como a seguir, por exemplo:

Louve a Deus por Sua santidade, misericórdia e justiça... (2 Crônicas 20:21, Salmos 99:3-4).

Louve a Deus por Sua graça... (Efésios 1:6).

Louve a Deus por Sua bondade... (Salmos 135:3).

Louve a Deus por Sua benevolência... (Salmo 117).

Louve a Deus por Sua salvação... (Efésios 2:8-9).

Justo é o Senhor em todos os seus caminhos e benigno em todas as suas obras. (Salmo 145:17)

Esta perspectiva da entidade correta e democrática que concede amor e esperança, reconforto para a alma de todos os que nele acreditam incondicionalmente, como conferível no salmo de Miquéias (personagem bíblica, profeta do século VIII a.C) é imprópria para a figura tendente ao doentio psicanalítico deste referido romance, quando registra diversos fatores que se afeiçoam aos indícios imorais.

Deus se deleita na benignidade... (MIQUÉIAS; Salmo 36: 7)

No entanto, refutada esta representação salutar de um Deus, inquestionavelmente, supremo e benevolente, o autor explicita um panorama psicológico humanizado ao divino,

quando o princípio igualitário, por exemplo, de benefícios espirituais se quebra no caso criminal dos irmãos do clã de Adão.

Os experimentais seres primeiros, o casal do Éden, foram base para Deus, em seus recorrentes mecanismos comprovantes de confiança e de submissão, desenvolver outro probatório indício de sua egocêntrica posição e destitui Adão e Eva do paraíso, sob a rudeza de seus castigos e a causticidade de seus sarcasmos.

Ainda, o autor – em seu niilismo típico e intenção de interrogar a veracidade e a relevância de Deus – reincorpora no romance, através dos diálogos inquietantes de Caim, intimando seu Senhor, o pensamento anticristão de Friedrich Nietzsche. Acontece que, ao matar o destoadado Abel do enredo, o egocêntrico e implicante, Caim cobra de seu Deus a sua participação no ato e, sobretudo, revela o desejo de, ao sacrificar a vida do irmão pela inveja, que quis atingir e destruir a própria entidade divina. Nietzsche colabora em conferência ao discurso de Caim:

Deus está morto! Deus permanece morto! E quem o matou fomos nós! Como haveremos de nos consolar, nós os algozes dos algozes? O que o mundo possuiu, até agora, de mais sagrado e mais poderoso sucumbiu exangue aos golpes das nossas lâminas. Quem nos limpará desse sangue? Qual a água que nos lavará? Que solenidades de desagravo, que jogos sagrados haveremos de inventar? A grandiosidade deste acto não será demasiada para nós? Não teremos de nos tornar nós próprios deuses, para parecermos apenas dignos dele? Nunca existiu acto mais grandioso, e, quem quer que nasça depois de nós, passará a fazer parte, mercê deste acto, de uma história superior a toda a história até hoje! (NIETZSCHE, *A Gaia Ciência*, p. 125.)

Há, na obra, um Adão deficiente na composição do primeiro homem, fundador da humanidade, pois este é menos influente no matrimônio do que a própria Eva. A primeira mulher, esta diferenciada Eva, por sua vez, é imposta e ciente de seu poder sedutor, enquanto personagem da ficção do escritor, para a variação da real apresentação dos cônjuges do Gênesis. Então, para verificar o tom de escárnio e disforme quanto ao texto original, principiando a expulsão do paraíso destes dois transgressores da ordem divina e a moral do pomo sagrado que fora delimitado por Deus como impróprio e roubado pelo casal envolto em mentira e pecado, salienta-se a ausência da igualdade afetiva, no começo da obra, que torna o convívio fraterno ente Abel e Caim, em situação claustrofóbica, chegando ao clímax da inveja para o fatalismo.

Considerações finais

O embate entre um Caim reivindicador e protestante, tomando consciência filosófica e existencialista acerca de seu próprio Senhor e, por outro turno, um Deus provocador, narcisista e violento, é o mote essencial para a criação fantástica de Saramago. Ao embutir

ciência humana e radicalmente doentia, perversa na capacidade psicológica de Deus, permite-se, por fim, concluir a análise do agravante psicanalítico que envolve a entidade cristã, havendo a preponderante influência de caracterização psicopata que, sob os exemplos e a aplicação conceitual, leva a compreender a denúncia ideológica com que o autor se apropria para desconstruir a figura máxima da crença cristã e incorporá-lo de sádica imagem, perversa aceção, prevalecendo sua visão sobre a imprópria veneração ao sacro texto bíblico. Neste ponto, intenta-se conceber a psicologia de um Deus abalado por sua própria ação doentia e, conseqüentemente, probatória da ideia acerca do manual de maus costumes em que se configura o *Velho Testamento*, através desta atribuição de valores psicanalíticos a uma entidade abstrata e residente no inconsciente coletivo, plenamente, enquanto transfiguração das propriedades subjetivas. Assim, convergindo para a centralização hierárquica do cristianismo como a personagem maior do panteão de tal religião, pensa-se no transtornado Deus de mentalidade inconcebível ao pensamento cristão.

Por isso, por meio do romance de Saramago e da desconstrução de Deus como uma entidade mais humana e menos divinal ao embutir-lhe psicologia, acredita-se na característica caricatural e desapropriada para melhor revelar a antipatia ideológica do autor português para com a expressão de um Deus pervertido, marginalizado pela cumplicidade no crime de Caim e, então, desmerecedor do crédito secular que lhe supervaloriza (quando não passa de mais um promotor de alienação e péssimos hábitos sociais para a sofrível humanidade). Saramago tange o extremo contexto nietzschiano:

É simples, matei Abel porque não podia matar-te a ti, pela intenção estás morto, Compreendo o que queres dizer, mas a morte está vedada aos deuses, Sim, embora devessem carregar com todos os crimes cometidos em seu nome ou por sua causa (SARAMAGO, p.35, 2009).

E, arrebatadamente, propõe a morte simbólica deste Deus, falso misericordioso, indigno e propriamente miserável como o homem: sua imagem e semelhança no contexto da desgraça e do egoísmo, da loucura e da crueldade.

Referências

- A *BÍBLIA SAGRADA*. Trad. João Almeida Ferreira.
- FERRAZ, Flávio C. *Perversão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- FREUD, Sigmund. O narcisismo [1914]. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1972 v. 12.
- JOHNSTONE, L.. COOKE, D.J. (2006) *Traços da psicologia na infância: operacionalização do conceito e sua avaliação*. In.: FONSECA, A; SIMÕES, M; PINHO, M.(Eds). *Psicologia Forense*. Coimbra, Almedina.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Martin Claret, s. d.
- NUNES, Laura. M. *Crime – psicopatia, sociopatia e personalidade antissocial*. Revista da Faculdade de ciências Humanas e Sociais. Porto: Universidade Federal Fernando Pesssoa, 2009.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID -10: Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- SARAMAGO, José. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Rio de Janeiro: Record, 1991.
- _____, *Caim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SHNEIDER, K. *Psicopatologia clínica*. São Paulo: Mestre Jou, 1968.
- Acessos em 05 de Junho de 2011:
- <http://www.redepsi.com.br/portal/modules/smartsection/item.php?itemid=538>
- <http://www.psicologiananet.com.br/perfil-do-psicopata-comportamentos-do-psicopata-cuidados-nos-relacionamentos-pela-internet/2385>
- <http://cuaderno.josesaramago.org/2008/10/16/deus-como-problema/>
- <http://pt.scribd.com/doc/6979876/Freud-Um-Ensaio-de-Histeria-TrEs-Ensaio-Sobre-a-Teoria-Da-Sexualidade-e-Outros-Trabalhos>